

CRISE E/OU DELIMITAÇÃO? CONSIDERAÇÕES SOBRE NARRATIVA CIENTÍFICA E NARRATIVA DA FÉ NA CRIAÇÃO, A PARTIR DE SESBOÜÉ*

**Crisis and/or limitation?
Considerations about scientific narrative and faith in the
creation narrative, from sesboüé**

Jorge Luiz Gray Gomes**

Tadeu Oliveira Santos Porto***

Resumo

Este artigo tem o objetivo refletir sobre o capítulo VI (*Deus que fez o céu e a terra*) do livro *Pensar e viver a fé no Terceiro Milênio*: convite aos homens e mulheres do nosso tempo (1.ed. 1999), de Bernard Sesboüé, , em que o autor nos apresenta visões da criação no contexto científico e no contexto de fé. Tendo em vista os questionamentos do autor, acrescentamos a pergunta *Crise e/ou Delimitação(?)* nos estudos sobre a narrativa.

Palavras-chave: Narrativa, criação, ciência e fé.

Abstract

This article aims to reflect about the 6th chapter (Maker of heaven and earth) of the book *Croire: invitation à la foi catholique pour les femmes et les hommes du XXI siècle* (1st ed. 1999), by Bernard Sesboüé, in which the author introduces us in some visions regarding the creation in a scientific context and also in faith's context. Having in view the questions of the author, we add one question more about *Crisis and/or Delimitation (?)* in the narrative's studies.

* Artigo recebido em 30/09/2012 e aceito para publicação em 05/11/2012.

** E-mail: jorgegray@ig.com.br

*** Jorge é doutorando em Teologia (Tendências Éticas Atuais – bolsista da FAPEMIG) pela FAJE (Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia) e Tadeu é estudante especial do Mestrado em Teologia (FAJE). E-mail: uedateporto@yahoo.com

Keywords: Narrative, creation, science and faith.

1. Introdução

Neste ano de 2012, iniciamos o Ano da Fé, proclamado pelo Papa Bento XVI, na carta apostólica *Porta Fidei*, nº 4:

Este terá início a 11 de Outubro de 2012, no cinquentenário da abertura do Concílio Vaticano II, e terminará na Solenidade de Nosso Senhor Jesus Cristo Rei do Universo, a 24 de Novembro de 2013. Na referida data de 11 de Outubro de 2012, completar-se-ão também vinte anos da publicação do Catecismo da Igreja Católica, texto promulgado pelo meu Predecessor, o Beato Papa João Paulo II, com o objetivo de ilustrar a todos os fiéis a força e a beleza da fé.

Este artigo postula refletir algumas considerações sobre a narrativa da criação com o olhar da ciência e da fé, no estudo de Bernard Sesboüé, que justamente aborda este artigo do credo no livro *Pensar e viver a fé no Terceiro Milênio*.

Subdividimos o artigo em três partes, a saber: Introdução; a questão da narrativa no relato da criação (ciência e fé) com a visão de conflito; e as considerações finais a partir da visão de delimitação.

Como arcabouço teórico, recorreremos a Bernard Sesboüé, Isidoro Mazzarolo (*Criação 1-11, e assim tudo começou*), Luiz Carlos Susin (*A criação de Deus*), Umberto Eco (*Os Limites da Interpretação*) e Walter Benjamin (*Obras Escolhidas, Magia e técnica, arte e política*).

Sobre a narrativa, Walter Benjamin nos fala que “o narrador retira da experiência o que ele conta: sua própria experiência ou a relatada pelos outros” (BENJAMIN, 1994, p. 201).

A narrativa nos ingressa no mundo da relação narrador e leitor/ouvinte, onde a experiência contada pelo narrador é lida/ouvida pelo leitor/ouvinte de maneira pessoal. O leitor/ouvinte ao narrar o que leu/ouviu, transforma-se em um novo narrador e assim acontece sucessivamente na história da narração. Daí que somos aproximados da experiência da narrativa pela pessoa que nos conta ou narra, vivenciada por este “novo” narrador/contador.

A pesquisa prendeu-se metodologicamente na técnica bibliográfica descritiva, partindo do capítulo de Bernard Sesboüé.

2. A questão da Narrativa

Daremos partida para entrarmos na Narrativa. Aqui, a estrela é o narrador, o ouvinte é o mundo das interpretações. É a narrativa que nos fez pensar, matutar, extrair conclusões.

Vamos aos dois relatos da criação: (Gn 1,1-5.26-28.31; 2, 7.22)

No princípio criou Deus o **céu e a terra**. A terra era um caos informe; sobre a face do abismo, a treva. E o alento de Deus revoava sobre a face das águas. Disse Deus: Exista a luz; e a luz existiu. Deus viu que a luz era boa; e Deus separou a luz e da treva. Deus chamou à luz "dia"; e à treva "noite". Passou uma tarde, passou uma manhã: o primeiro dia... E Deus disse: Façamos o homem à nossa imagem e semelhança; que eles dominem os peixes do mar, as aves do céu, os animais domésticos e todos os répteis. E Deus criou o homem à sua imagem: à imagem de Deus o criou; homem e mulher os criou. E Deus os abençoou e Deus lhes disse: Crescei e multiplicai-vos, enchei a terra e submetei-a, dominai os peixes do mar, as aves do céu e todos os animais que se movem sobre a terra. E Deus viu que tudo o que havia feito: e era muito bom. Passou uma tarde, passou uma manhã: o sexto dia. (p. 16-17)

Então o Senhor Deus modelou o homem da argila do solo, soprou alento de vida em seu nariz, e o homem se transformou em ser vivo... Da costela que tinha tirado do homem, o Senhor Deus formou uma mulher e a apresentou ao homem. (p. 18-19)

Bernard Sesboüé afirma que "Deus Pai exprime a sua atitude paternal, fora de si mesmo, através da criação" (p. 137) e ainda que há dois binômios: "**céu e terra**, visível e invisível" (p. 137) e para os hebreus estes binômios exprimem "a totalidade do domínio considerado" (p. 137). Diante disso, o autor em questão apresenta um conflito entre fé e ciência, citando a catequese ("catequista tradicionalista") que gera na cabeça da criança um ensinamento e outro em sala de aula ("professor anticlerical") sobre a criação (p.139). Assim, Sesboüé dá a seguinte solução deste conflito: para a fé (catequese), o relato da criação nos fala da origem, o discurso da finalidade, do "Por quê"; já para a ciência é o princípio, o como, o discurso de causalidade (p. 140). Porém, ambas têm uma narrativa.

Para Umberto Eco, existe um leitor semântico e um leitor crítico que leva a uma interpretação semântica e a uma interpretação crítica, ou ainda uma interpretação "semiósica" e uma interpretação semiótica (ECO, 2004, p. 11).

A interpretação semântica ou semiótica é o resultado do processo pelo qual o destinatário, diante da manifestação linear do texto, preenche-a de significado. A interpretação crítica ou semiótica é, ao contrário, aquela por meio da qual procuramos explicar por quais razões estruturais pode o texto produzir aquelas (ou outras, alternativas) interpretações semânticas. (ECO, 2004, p. 12)

Dentro desta visão, Eco ainda nos aponta para interpretações e conjecturas, onde apresenta conceitos de “autor-modelo” e “leitor-modelo”, sendo que o primeiro produz o segundo, acontecendo uma coerência entre a intenção do autor e a intenção da obra. Isto levaria para uma “deslegitimação” das más interpretações, ou seja, quando o leitor revela um aspecto de uma obra, significa que ele ignora ou deixa nas sombras, vários outros aspectos. Daí que novas interpretações sobre o mesmo texto, acabam enriquecendo a narrativa, num universo de outras interpretações possíveis. (ECO, 2004, p. 15-16)

Luiz Carlos Susin em entrevista a IHU (UNISINOS) nos fala que:

As ciências não desenvolveram e nem lhes compete desenvolver métodos que provem ou se deparem com um Deus. Um cientista pode ser agnóstico ou crente, mas isso é uma decisão de fé, não uma constatação científica. Para quem crê na ação criadora de Deus, a narrativa da criação ganha sentido dentro das grandes tradições religiosas e literárias, portanto da cultura que expressou o sentido da fé, e não propriamente da ciência. A linguagem científica não consegue dizer tudo o que se pode narrar a respeito da verdade. Ciência não é sinônimo de verdade, é parte dela. Paul Ricoeur é um bom exemplo do quanto a linguagem narrativa, com suas características míticas, tem densidade de verdade que a ciência não alcança. É narrando que se diz o mistério. (SUSIN, 2009)

Nesta visão de Susin, a ciência e a fé têm responsabilidades com uma interpretação mais próxima da verdade, mas que ambas têm as suas delimitações. A narrativa científica pertence ao âmbito da ciência e a narrativa de fé às tradições religiosas e literárias. O sentido das ciências é dado pelo seu próprio objeto de estudo, enquanto o da fé à ação criadora de Deus.

Bakhtin nos dá pistas para uma visão que transcende realidades humanas, com novas questões e interpretações que não se esgotam nas já existentes, pois muitas destas já existentes refletem em muitos casos, relações de dominação que não dão espaços para outros modos de interpretar e nem aceitam essas novas visões interpretativas:

O pensamento e a palavra procuravam a realidade, para além do horizonte aparente da concepção dominante. E por vezes palavras e pensamentos viravam-se de propósito, para ver o que se encontrava verdadeiramente por trás deles. Qual era o seu avesso? Procuravam a posição a partir do qual pudessem ver a outra margem das formas de pensamento e dos julgamentos dominantes, a partir da qual pudessem lançar olhares novos sobre o mundo. (BAKHTIN, 2007, p. 237)

A mudança do enfoque e do valor narrativo, no entanto, marcada pelas interpelações da ciência, da literatura, da religião, da sociologia, da psicanálise, da própria teologia etc, permitiu enxergar nas narrativas outras visões possíveis.

O estudo da criação permite ingressar nesta discussão várias ciências, pois é um assunto pertencente às mesmas, não só da Teologia, como também das demais. Isto nos leva a uma proposta de diálogo, desejado pelo próprio Concílio Vaticano II. (EUVÉ, 2006, p. 43)

A narrativa, na sua condição de característica exclusivamente humana, revela um atributo humano de busca do sagrado ou não, sem especificar o que seja esse sagrado ou profano, tanto como momento criacional, quanto como explicação do “como”, do “por quê” ou de outros questionamentos, ou ainda mesmo para diálogo com as diversas ciências modernas ou pós-modernas.

Por essa razão, o estudo da narrativa se abre com um leque às várias possibilidades, não se tornando absoluta, mas respeitando as diversas interpretações, sem cair na alienação, fundamentalismo ou qualquer adjetivo que limite a narrativa.

A narração do Gênesis é uma construção a partir de recortes da literatura do mundo antigo, que interligados dão vida à história da Criação. Contudo, esta narração não tem a pretensão de ser concisa de um fato histórico, mas da transmissão de uma doutrina, de ensinamentos que postulam a elaboração de uma teologia. As narrativas dos seus relatos sincronizam sabedoria, tradição familiar, ciência, com o expediente de produzir uma consciência crítica do homem a respeito do universo (MAZZAROLO, 2003, p. 60), o que nos remete às velhas questões da existência do mesmo: “quem sou?”, “de onde vim?”, “para onde vou?”.

Como a ideia da criação do mundo é pertinente desde a Antiguidade, a construção de sua narração atinge todos os povos desse período, passando de uma narração oral para uma narração escrita, à medida que a humanidade avança no seu processo evolutivo. Contudo, a narração bíblica da Criação — em particular Gn 1-2, em consonância com a perspectiva de B. Seboüé — possui um objeto a ser alcançado, fruto do período exílico onde foi escrita, o que não é o caso de ser abordado por nós. Como foi ressaltado a pouco, há uma sabedoria a ser transmitida, porém, encontramos

particularidades: Gn 1-2 são duas narrações sobre a Criação compostas por correntes distintas: Javista e Sacerdotal, o capítulo 2 é anterior ao capítulo 1, estas, para nós, que estamos no encalce de respostas às questões emergidas pela religião em confronto com a ciência e vice-versa, abre perspectivas para situar o homem diante das questões próprias da sua existência no mundo.

Diante das duas construções narrativas sobre a Criação, a exegese bíblica nos dirá que o principal intuito é a transmissão e a garantia de uma teologia que estava sendo formada. Diante de toda a narração o homem situa-se como ser criado com a matéria da natureza, sujeito às transformações tal qual toda natureza passa. Em determinado momento o Gênesis é antropológico, preocupado mais com o homem (Gn 2,4b-25), em apresentar que sua condição mortal, e é oriunda da fragilidade do barro, sua matéria prima, e não da experiência do pecado. Em outro momento ele é cosmológico (Gn 1,1-2,4a), salienta a importância do homem e da mulher criados a imagem e semelhança de Deus, assinala a presença do mal e sua concretização não como um defeito da perfeita Criação, mas como fruto do rompimento do homem com seu compromisso administrativo da Obra Criada, contudo, sua preocupação maior é o detalhamento ordenado do cosmo (MAZZAROLO, 2003, p. 63)

A leitura de I. Mazzarolo reflete indagações e reflexões assim como a compreensão de que Deus está para além do que se considera início da Criação. Compreensão esta que é fruto de uma profissão de fé (p. 66), entretanto, esta profissão de fé não satisfaz às indagações científicas, o que não quer dizer que são inválidas. "O princípio bíblico criacionista não invalida todas as pesquisas da ciência em torno das formas possíveis da origem da vida humana e das espécies" (MAZZAROLO, 2003, p. 96), embora no decurso da História o debate entre teólogos que defendiam a Criação do mundo, em conformidade à letra bíblica, com cientistas, que refutavam tal teologia em favor do evolucionismo, tenha sido grande e não está longe de ser resolvido. No bojo desse debate, o que ambas as partes se esqueceram é que existe uma teologia da Criação e não história da Criação. Portanto:

Não há conflito em admitir a possibilidade do ser humano ter vindo, por evolução, de outra raça, no caso, o macaco. A natureza física do macaco é terra igual a do ser humano, ao morrer, a matéria humana é igual a do macaco. O que diferencia é exatamente aquilo que o narrador bíblico quis evidenciar: o sopro divino. (...) É sobre esta matéria que o sopro divino vai criar a diferença: esse espírito é também alma, vida, a semelhança com o Criador. (MAZZAROLO, 2003, p. 98)

O sucesso neste conflito entre as respostas que religião e ciência postulam em relação à Criação, visam sanar uma crise, mas incorre em delimitações, pois a realidade insere-se em constante

processo de mudança, a liberdade humana compreende limites porque o homem é limitado e o dualismo que concerne sua existência não corresponde mais à pauta das dúvidas da presente realidade. No caminho que busca para obter respostas o ponto de partida que existe para compreender a Criação do céu e da terra passa pelo homem.

3. Considerações Finais

Ao sair dessa narrativa é válido ressaltar que tentamos apresentar algumas considerações sobre compreender e discutir a narrativa da criação a partir de estudos já existentes.

O fato é que o avanço das ciências, principalmente da Teologia, da Literatura, da Linguística, da Sociologia, da Biologia e da Psicanálise, assim como o estudo de tradições religiosas nos fazem apreender questões não observadas anteriormente e que nos levariam a uma alienação e absolutização da busca da verdade enquanto "Tratado da Criação", se assim podemos chamar, ou/e a um aperfeiçoamento no estudo citado.

A narrativa traz consigo um universo de interpretações possíveis, dentro dos avanços das ciências como tais, mas ao mesmo tempo nos ingressa num mundo de (como diz Walter Benjamin) *magia, técnica, arte*, e (como diz Susin) *mistério*... Na prática, a narrativa nos dá possibilidade de "viajar" com as técnicas existentes, uma "viagem" com os pés no chão.

O assunto criação nos acrescenta tanto na ciência, quanto na fé, estudos consideráveis. De início, tivemos muitos conflitos, depois a autoafirmação das independências de áreas, chegamos ao diálogo, tentativas de integração (não bem sucedidas pelo próprio campo de atuação de cada área) e partimos para a convergência e ao mesmo tempo delimitação de campo. Sesboué (1999, p. 143) cita alguns cientistas como Copérnico (1473-1543), Galileu (1564-1642), Kepler (1571-1630), Newton (1643-1727), Laplace (1749-1827), Monod (século XX), e afirma que:

A história do desenvolvimento científico, no que concerne ao sistema do mundo, mostra que foi necessário muito tempo para realizar um discernimento claro entre os dois pontos de vista. Por um lado, os sábios eram cristãos que, por respeito à sua fé, continuavam a misturar as preocupações religiosas com as descobertas científicas. Por outro lado, as autoridades da Igreja depressa consideraram que fé ficava ameaçada quando a ciência estabelecia um dado que não estava em concordância com a cosmologia bíblica. (SESBOUE, 1999, p. 144)

Assim, em muitas ocasiões prevaleceram o medo e a radicalidade acima do avanço bio-técnico-científico e aqui científico,

situando a Teologia como tal, pois também em muitas épocas a evolução teológica através do aparato linguístico, cultural, sociológico, literário e etnográfico, ganhou mais espaço no diálogo com outras ciências, avançando como ciência e ao mesmo tempo delimitando seu espaço, assim como o espaço de cada ciência, naquilo que se refere à criação, seja ela de fé e científica.

O percurso desta tão vista e revista **criação**, além dos binômios hebraicos (*Céu e Terra*), nos apresenta outros binômios (consideração nossa) **homem e mulher (p. 160)**, **livre mas advertido (p.153)**, **liberdade relativa e absoluta (p. 154-155)**, **intendente e criador (p. 163)**, **corpo e alma (p. 167)**, são assuntos abordados por Sesboué não como binômios, mas como objeto de estudo, o que por nós soam como binômios que podem ser vistos como questões apresentadas e não discutidas. Sobre esses supostos binômios podem surgir questionamentos como: Por que livre, autônomo, mas advertido? Que liberdade é essa que controla e relativiza? Por que o homem tem quer ser intendente e não sujeito da criação? Por que a mulher foi criada depois do homem e não antes? Por que utilizar corpo e alma e não outros termos?

O mergulho na narrativa da criação pode nos trazer como diz Umberto Eco, “más interpretações” ou novas coisas e questionamentos que poderiam firmar o ser humano (homem e mulher) como sujeito em construção para um futuro que ainda não podemos traçar, nem positivamente (“Esta mensagem sobre o mundo e sobre os valores terrestres é extremamente positiva”, SESBOÜÉ, 1999, p. 170) e nem negativamente (como afirmam algumas religiões neopentecostais), mas simplesmente **magia, técnica, arte – e por que não? – fé e novas maneiras de interpretações e reinterpretaciones.**

Referências

BAKHTIN, Mikail. *A cultura popular na Idade Média e no Renascimento: O contexto de François de Rebelaïs*. São Paulo: HEITEC, 1987.

BENJAMIN, W. *Obras escolhidas. Magia e técnica, arte e política* (7.ed.). São Paulo: Brasiliense, 1994.

BENTO XVI. *Carta Apostólica sob forma de Motu Proprio Porta Fidei*. São Paulo: Paulinas, 2012. Doc 195.

A Bíblia do Peregrino. São Paulo: Paulus, 2002.

CHEVALIER, Jean; GHEERBRANT Alain. *Dicionário de símbolos*. 11.ed. Rio de Janeiro: Jose Olympio, 1997.

ECO, Umberto. *Os limites da Interpretação*. 2.ed. São Paulo: Perspectiva, 2004.

ELIADE, Mircea. *Imagens e símbolos: ensaios sobre o simbolismo mágico, religioso*. São Paulo: Martins Fontes, 1991.

EUVÉ, François. *Pensar a criação como jogo*. São Paulo: Paulinas, 2006.

MAZZAROLO, Isidoro. *Gênesis 1-11, E assim tudo começou*. Rio de Janeiro: Mazzarolo editor, 2003.

MORAES SILVA. *Dicionário da Língua Portuguesa*. Ed. Póstuma. Lisboa: Oficina de Simão Ferreira, 1931. Dicionário Digital, verbete tradição.

SESBOÜÉ, Bernard. *Pensar e viver a Fé no Terceiro Milênio*. Convite aos homens e mulheres do nosso tempo. Coimbra: Gráfica de Coimbra, s.d. (Título original: *Croire: invitation à la foi catholique pour les femmes et les hommes du XXI siècle*. Paris: Droget et Ardant, 1999).

SUSIN, Luiz Carlos. **A criação de Deus**. São Paulo: Paulinas, 2003.

_____. in *Revista do Instituto Humanitas Unisinos*. Entrevistado por Márcia Junges, ano IX, n. 308, 2009.